

O GENERAL ABREU E LIMA

Estêvão Pinto

José Inácio de Abreu e Lima nasceu já nos fins do século XVIII. Seu pai professou no convento de Goiana, sob o nome de frei José de Santa Rosa.² O certo, entretanto, é que a vida desse carmelita não foi nada uma rosa, mas antes, um espinho, pois, mal abandonara a vida religiosa e mal iniciara a carreira de advogado, a sorte lançou-o nas masmorras do Conde dos Arcos, de onde saiu para ser arcabuzado como um dos cabeças da Revolução de 17. E é bem possível que a cultura humanística do ex-frade do Carmo — aluno da Universidade de Coimbra e freqüentador da corte de Roma —³ viesse a ter uma considerável influência na formação intelectual do filho. Pelo menos, algumas das matérias do curso hoje chamado secundário foram ministradas, no dizer de alguns dos seus biógrafos, pelo próprio pai.

Depois dessa educação, em boa parte um tanto doméstica, Abreu e Lima ingressava na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, onde completou os seus estudos e de onde voltou, ainda muito jovem, com a patente de capitão de artilharia.⁴ E ainda bem não enrolava o pergaminho, era logo “despachado lente do seu regimento” e designado para servir na guarnição de Angola. Se, na realidade, Abreu e Lima tivesse ido assumir o lugar, para o qual fora despachado, segundo linguagem da época, é bem possível que fosse ele, hoje em dia, uma personagem anônima e obscura. É um fato, porém, que o homem põe e o destino dispõe. Foi o destino que o fez envolver-se, aí pelos fins de 1816, num processo por crime

de "assuada, resistência e ferimentos", que o levou a uma das fortalezas da Bahia. 5

Ainda estava Abreu e Lima nessa fortaleza, quando a população baiana percebeu, bordejando ao largo, uma jangada do Nordeste, facilmente reconhecível pela forma característica da vela. Na balsa suspeita vinham dois dos seus mais queridos entes — o pai e o mano Luís, emissários da Revolução de 1817, que reventara, na sua ausência, em Pernambuco. A narração, que, mais tarde, fez Abreu e Lima do encontro com os dois parentes,⁶ é uma das mais vigorosas mostras das suas qualidades de escritor; qualidades percebidas pela objetividade e pelo vigor das cenas com que descreve a dignidade do velho e prostração do moço, atirado, doente e nu, no chão enlodaçado da enxovia.

Só alguns meses depois do fuzilamento do padre Roma, obteve Abreu e Lima a liberdade e, com o auxílio da maçonaria,⁷ abandonou o Brasil. O moço ardoroso e tão cheio de ilusões já não tinha mais pátria. A sua nova pátria eram agora as planuras da Venezuela onde, em novembro de 1818, desembarcava para começar outra vida inteiramente nova.

A desdita, que abateu o pai de Abreu e Lima, era uma conseqüência fatal dos acontecimentos políticos e das transformações sociais do seu tempo.

Vivia-se no período áureo dos *aréopagos* e das *academias* maçônicas, que não passavam, na realidade, de associações políticas divulgadoras das teorias democráticas e das idéias encampadas pelo enciclopedismo. Tollenare surpreendeu no padre João Ribeiro um adepto de Condorcet e um espírito nutrido na leitura dos filósofos modernos.⁸ 1817 foi mesmo, em muitos aspectos, um arremedo da Revolução Francesa. Arremedo na proibição, por exemplo, do pão e do vinho, que eram ostensivamente substituídos pela aguardente nacional e pela farinha de mandioca; arremedo, do mesmo modo, no tratamento das pessoas, pois então ninguém mais dizia "vossa mercê" senão "patriota".⁹ Ora, tal mundo de idéias novas teria, necessariamente, de atrair uma figura do relevo social e da cultura política do padre Roma. Abreu e Lima, moço quase imberbe e ainda inexperiente, foi arrastado na torrente. A tragédia abateu-o com tamanha veemência que o atirou aos braços de uma rebelião íntima, que haveria de marcar, daí em diante, todos os seus passos na vida.

E a América Espanhola veio a ser o campo experimental desse neo-revolucionário.

— 0 —

Quando Abreu e Lima aportou à Venezuela, o movimento emancipacio-

nista atraía a atenção do mundo inteiro. Humboldt, Lafayette, Vitor Hugo, Byron enviavam a Bolívar aclamações entusiásticas. Uma multidão de soldados e aventureiros vinham engrossar as fileiras dos rebeldes; ingleses, irlandeses, franceses, italianos, alemães, russos, polacos e até mesmo espanhóis alistavam-se nos exércitos do *Libertador*.¹⁰ O jovem soldado de Pernambuco ingressou também nas hostes dos guerrilheiros, sendo desde logo elevado ao posto de capitão de artilharia e adido ao estado-maior de Bolívar.¹¹ Em uma famosa carta, escrita em 1868, ao general José Antônio Páez, ex-presidente da Venezuela, Abreu e Lima revela alguns dos fatos importantes dessa campanha nacionalista, à qual deu ele o melhor dos seus anos:¹² as dissensões com Santander, intrigante, perverso e astucioso, que fora o germe da revolução de Córdova; a façanha de Querasas del Medio;¹³ as batalhas de Carabobo (onde chegou a ser ferido), de Savana de la Guardia, de Puerto Cabello, de Boyacá; a amizade, que lhe votava Bolívar, a ponto de honrá-lo com o nome de guapo (“guapo na sua boca era o maior elogio que se poderia fazer, em Colômbia, a um chefe”, salientava Abreu e Lima); a sua rixa com Guzmán, jornalista de Caracas; separatista, que combatera a idéia de aproveitar-se o oficial brasileiro na vaga do coronel Woodberry, chefe do estado-maior do grande caudilho. E, nessa carta, Abreu e Lima não esqueceu sequer algumas das suas recordações mais íntimas e mais sentimentais. Que fim tinha levado d. Joana? E Pepita, e Maria Antônia, e Barbarita, e as “lindas sobrinhas” de Escalona? E que era feito de Benigna, agora já casada, por quem sofrera tanto? Benigna, a formosa parente de Bolívar, — supõe Alfredo de Carvalho ter sido a figura de algum drama de amor, principal motivo das intrigas e desconfianças, que, em certo momento, cercaram o jovem oficial brasileiro. Que Bolívar, porém, apesar dessas intrigas e desconfianças, tinha em muita conta Abreu e Lima, — não resta a menor dúvida. Desde cedo revelou-se ele um escritor aos olhos do grande caudilho. Bolívar (afirma-o Carbonell) “tenia el raro dón de conocer a sus tenientes”. Sabe-se que foi justamente Bolívar quem o encarregou de escrever, em sua defesa, a memória, que tomou depois o nome de *Resumen histórico de la última ditadura*.¹⁴

Com a morte do caudilho, Abreu e Lima abandonou para sempre a América Espanhola, espanhola agora apenas por tradição. Fora ele um dos mais ousados ginetes dos *llaneros de Páez* — “um bosque de lanças a desenfreado galope”. Já era tempo de retornar ao Brasil, aonde o chamava a nostalgia da pátria. Demais, a mocidade vinha muito para atrás e, com a mocidade, o tempo das gasconadas e das aventuras.

— 0 —

Deixando o seu campo de batalha, Abreu e Lima voltou aos Estados Unidos de onde partiu, sem demora, para o Velho Mundo. Na Europa, confessa que con-

traiu boas relações com Pedro I e com o próprio rei Luís Felipe. Quando o general visitou Paris, a França havia acabado de sair de uma revolução, na qual, como ele próprio mais tarde escreve, tinham tomado parte todas as "jerarquias" — o nobre, o sábio, o rico, o povo enfim.¹⁵ A França venerável dos castelos feudais e dos estandartes de flor-de-lis, momentaneamente ressurrecta por Carlos X, havia dado lugar a uma outra França, a França da burguesia e do patriarcado do dinheiro. Abreu e Lima, todavia, pouco se demorou na Europa. Em 1832 já estava residindo no sul do país, onde, em pouco tempo, se filiava ao partido *caramuru*. Parecia-lhe conveniente a volta do Duque de Bragança ao Brasil, não — explicou-o posteriormente — com o fim de ocupar o trono, senão com o objetivo de assegurar maior vigor à monarquia.¹⁶ Pedro I foi sempre, para Abreu e Lima, a figura excelsa do governante moderado, embora inexperiente; seus erros, que os teve e grandes, segundo confessa, nunca chegaram a fazer dele um tirano. Durante os dez anos da gestão de Pedro I, o Brasil teria feito mais progresso do que nos seus três séculos de civilização.¹⁷ Muitos anos depois, isto é, em 1862, numa carta que ainda hoje se conserva nos arquivos do Instituto Arqueológico de Pernambuco,¹⁸ o velho *caramuru* exalta a memória do primeiro imperador. "Seu nome (escrevia) está ligado à nossa Independência . . . ninguém pode borrar o nome de D. Pedro da Constituição, sob cujos auspícios entramos na comunhão do mundo civilizado". E, ressaltando a diferença entre os dois períodos monárquicos, conclui que, no tempo do primeiro, jamais houvera adesões à custa de dinheiro e jamais o governo havia intervindo nas eleições ou havia violado as urnas. Enfim, todas as pessoas da comitiva de Pedro I eram pobres; pobres eram também todos os servidores do Estado e todos os seus mais íntimos amigos. Se, na vida de Abreu e Lima, houve muitas discordâncias e contradições, pelo menos uma qualidade ninguém lhe poderia negar — a da fidelidade e lealdade aos amigos.

Foi justamente por esse tempo que Abreu e Lima publicava o seu *Bosquejo histórico*, do qual encontrei um exemplar, hoje raríssimo, na Biblioteca Pública do Estado. Para o autor do *Bosquejo*,¹⁹ o Brasil ainda não estava preparado para as vantagens de um estado republicano, no seu parecer um "belo ideal", mas, no momento, incompatível com o regime social então existente no país. Por que reformar, pois (indagava o general), a carta política do país, se os americanos-do-norte ainda conservavam a sua lei fundamental de 1787 e os ingleses a sua cartamagna de 1215? No Brasil a subordinação da cor, baseando-se na diferença de raça, era também uma subordinação de classe, fato a que Gilberto Freyre já se referiu nos comentários à mesma obra.²⁰ As populações do Brasil, divididas em grupos distintos, haviam-se tornado opostas umas às outras. Que somos inimigos e rivais uns dos outros — acrescentava — não resta a menor dúvida: basta que cada qual ponha a mão na consciência.²¹ Alguns dos seus biógrafos são de parecer que a adesão de Abreu e Lima aos *caramurus* e à monarquia constituía uma incoerência com o seu passado; mas é preciso notar que o general vinha de um

teatro de competições e antagonismos mesquinhos, que, talvez, tivessem deixado em seu espírito a descrença nas formas republicanas.²² Além disso, o próprio caudilho não era um democrata — no sentido da mística pelo dogma eleitoral — opinando que os países sul-americanos ainda não estavam maduros para o regime da república, justamente por um dos motivos mais tarde aplicado por Abreu e Lima ao caso brasileiro: a heterogeneidade da população.²³

O *Bosquejo* é um dos estudos mais interessantes realizados sobre o estado político-social do Brasil, no tempo da Regência. Foi nesse período que Abreu e Lima se colocou entre os que primeiro combateram o desmedido ufanismo do brasileiro, isto é, os aplausos exagerados ao clima delicioso, à terra privilegiada e à natureza fecunda, sem nos lembrarmos — exemplificava — das febres periódicas, dos mosquitos, das formigas, dos cupins e dos bichos-de-pé. A tese principal do *Bosquejo*, entretanto, é a de que somos os povos mais atrasados do continente americano em virtude da nossa descendência portuguesa. Povos heterogêneos, com interesses antagonísticos, pelo que não seria exequível qualquer regime democrático. A impossibilidade da participação de todas as classes no regime democrático — condição essencial do mesmo — levaria tal povo à oligarquia ou à aristocracia. Só a monarquia era a forma mais própria de uma coletividade tão mesclada e tão dissemelhante. Os governos populares acabavam degenerando em tiranias, ao passo que os governos monárquicos propendiam para a democracia. E concluía que a diferença, nesse particular, entre os povos americanos e europeus consistia em termos começado com uma revolução de fato (a nossa emancipação), ao passo que na Europa as revoluções são geralmente de princípios. No fundo era o argumento, hoje defendido por Ruediger Bilden, de que os males atribuídos à composição racial derivam da escravidão.²⁴ O preconceito de que eram os portugueses a origem dos nossos males tornou-se um verdadeiro *slogan* para Abreu e Lima e, muitos anos depois da publicação do *Bosquejo*, defendia ele ainda, com ardor muito maior, a necessidade de "desimportuguesar" o Brasil.²⁵ Complexo, nesse particular, muito semelhante ao que, muitos anos depois, havia ainda de atormentar Antônio Tôrres.

Com a morte, por assim dizer inesperada, de Pedro I, Abreu e Lima sofreu um duro golpe. Mas, o regressismo que, em última análise, como já observou Otávio Tarquínio de Sousa, era "a consolidação das conquistas liberais dentro do parlamento, com o governo de gabinete à maneira inglesa", —²⁶ teve em breve, para Abreu e Lima, um derivativo na campanha acesa contra Feijó. Feijó, além de sustentar que "o figurino britânico não se ajustava aos textos da Carta de 1824", mostrara-se teimoso, inábil, cheio de caprichos e sem o precioso tato para o momento. E isso era só o de que precisava Abreu e Lima para meter-se numa desenfreada campanha contra o regente, através do Raio de Júpiter, a qual, por fim, acabou vitoriosa.

Com o advento da Maioridade, Abreu e Lima dedicou-se à obra, que, depois da Sinopsis, lhe daria a maior popularidade — o seu *Compêndio da História do Brasil*, edição em dois volumes, de excelente feição material.²⁷ Dessa época resta um fragmento de diário, já em parte vulgarizado por esse pesquisador incansável, que é o professor Amaro Quintas. Abreu e Lima, ainda cheio de recordações da campanha bolivariana, usa o espanhol para indicar os dias da semana e não se preocupa de mostrar-se na sua mais completa *nonchalance*, — quase de chambre e chinelos como um velho capitão-mór da colônia. Tudo era minuciosamente anotado — os seus jantares na Rua da Cadeia, as suas crises de saúde, as suas visitas à baronesa de Sorocaba, etc. Como já salientou Amaro Quintas, o diário é cheio de referências ao belo sexo; o general “morria pela boca”, pois, não obstante os constantes achaques, não desprezava o franguinho ensopado, “um dos seus pratos prediletos”.²⁸ Em outro estudo, recentemente publicado,²⁹ ainda sobre esses inéditos, salienta o mesmo professor o seu quê de palaciano existente em Abreu e Lima, cortesão e freqüentador da Corte. Foi ao Imperador que Abreu e Lima dedicou o seu *Compêndio*; ao Imperador que pediu também a proteção para os seus trabalhos literários, não sem antes enviar-lhe alguns discursos congratulatórios. A propósito do assunto, diz Taunay³⁰ que Abreu e Lima afirmava aos seus amigos, freqüentemente, estar escrevendo umas memórias, nas quais vinha explicando alguns sucessos de maior transcendência e do maior interesse para a nossa história, inclusive opiniões francas e sem reboço sobre o valor dos políticos mais importantes do país. Depois de morto, procuraram-se ansiosamente os tais manuscritos, mas, revolidas todas as gavetas e escaninhos, não se encontrou mais do que um magro caderno, “de caráter familiar e quase exclusivamente bisbilhoteiro”.

O reparo de Taunay é, em parte, procedente. O chamado diário de Abreu e Lima não chega a ser, naturalmente, nada parecido com u'as memórias; mas nessas notas, feitas sem nenhuma preocupação de publicidade, poderíamos surpreender, se completas, muitos aspectos da vida social do Brasil, na época do Império, com um sabor e uma fragrância que o autor de *Inocência* não soube imprimir ao seu volumoso testamento.

O *Compêndio da História do Brasil* mereceu logo uma acerba crítica de Varnhagen, que descobriu nele um plágio desadorado. O caso foi que surgiu em Paris, no ano de 1815, uma *Histoire du Brésil*, em três volumes, escrita por Alphonse de Beauchamp. Verificou-se que esse Beauchamp não era mais do que um embusteiro, sendo a sua história uma simples adaptação da obra de Southey. Demonstrou Varnhagen que a maior parte do compêndio de Abreu e Lima não passava de uma cópia da história do francês, feita, aliás, através da tradução portuguesa.³¹ Defendendo-se, fez ver Abreu e Lima ter o autor confessado, no prefácio da edição *princeps* de seu livro, que seguira Beauchamp do 2o. ao 5o. capítulo, — o que, decerto, não justifica uma cópia quase textual, — acrescentando

que a obra de Southey era, sem dúvida, um prodígio de trabalho e paciência, mas um "corpo monstruoso", pois concedera grande parte da sua história aos acontecimentos de Buenos Aires e do Paraguai.³² Ora, um dos méritos do historiador inglês, entre outros, foi justamente o de demonstrar a impossibilidade de escrever-se uma história do Brasil sem o estabelecimento das ligações com a expansão hispânica no continente.³³

Se Varnhagen tivesse ficado apenas no assunto Beauchamp, a sua crítica seria irresponsável; mas andou respirando outros senões do *Compêndio*, — e isso foi o seu erro e foi o que quis Abreu e Lima. Essa caturrice de Varnhagen deu lugar a que o general demonstrasse as suas qualidades de polemista impenitente, em resposta, considerada por Silvio Romero, uma das mais formidáveis, pela mordacidade, que se conhecem em língua portuguesa".³⁴

— 0 —

Em meados de 1844, após uma ausência de quase trinta anos, Abreu e Lima retornava a Pernambuco, onde permaneceu até os fins de sua vida. Ainda bem chegava a Pernambuco, já se punha em ligação com as mais eminentes figuras do movimento praieiro. Menos de dois anos depois de seu desembarque, assumia a direção do *Diário Novo*, impresso em uma tipografia da Rua da Praia, origem do nome de guerra com que, desde então, ficaria conhecido esse movimento social e político de Pernambuco. A tipografia da Rua da Praia pertencia a seu irmão, o Luís, Luís Inácio Ribeiro Roma, o mesmo que o acompanhara ao penoso exílio às terras estranhas. O período do *Diário Novo* foi aquele em que Abreu e Lima exerceu a sua mais acesa e mais absorvente atividade de jornalista, exigindo dele qualidades excepcionais de catequista e de fazedor de prosélitos. "Estabeleci, então (confessa o general), algumas idéias, excitei os entimentos populares, criei novos interesses". Encarado por esse aspecto, é Abreu e Lima um dos comparsas mais ativos da Revolução Praieira, se bem que não tivesse tomado parte direta no movimento armado. O papel de caudilho, munido de espada, cavalgando árdego corcel — já não lhe interessava. O que lhe interessava sobretudo era mesmo o debate das idéias. Uma profunda transformação operara-se, assim, em sua conduta. Nesse particular, foi Abreu e Lima, realmente, o *General das Massas*, isto é, o paladino, o cruzado, o batalhador pelo bem-estar do povo. Os seus escritos estão cheios dessa preocupação pelos problemas sociais e políticos (mas políticos no sentido bom do termo), como se pode verificar folheando-se, por exemplo, um dos seus periódicos — a *Barca de S. Pedro* (1848): preocupação pela decadência das povoações do interior, cidades que pareciam como que paradas ou mortas;³⁵ preocupação pelas desvantagens da centralização do poder, num país de tanta vastidão, quando é certo que para cada província devia haver organização administrativa própria e autônoma, criada de acordo com as necessidades e o grau cultural de cada uma delas;³⁶ preocupação pela oportuni-

dade de uma reforma radical no ensino primário; ³⁷ preocupação pela urgência de estudar-se o problema da *Roda dos Enjeitados* (na Inglaterra existem *Rodas de Enjeitados?* — indagava); ³⁸ preocupação pela importância da harmonia entre o capital e o trabalho, de onde “depende a ordem, a paz, a permanência, a organização democrática da sociedade”; ³⁹ preocupação por um melhor sistema de colonização para o Brasil; ⁴⁰ e etc. “Somos todos socialistas” — confessa, num brado que é quase uma bandeira. ⁴¹ Só esse interesse em torno dos problemas sociais, por parte de um dos seus mais esclarecidos mentores, está revelando um dos aspectos da Revolução Praieira. Daí a proporção do conflito, em que houve 35 ações de relevo e um elevadíssimo número de mortos e feridos, conforme teria já salientado o governador Barbosa Lima Sobrinho no discurso inaugural à sessão magna comemorativa do seu primeiro centenário. ⁴² Nesse sentido, ou melhor, no sentido de uma luta onde o povo e as forças mobilizadas participaram com todo o seu vigor, a Revolução Praieira se assemelha muito à francesa da mesma data — o povo, na arguta observação de Jean Cassou, ⁴³ não cantando mais, como outrora, atrás das barricadas, mas atirando-se às balas com todo o seu desespero, numa guerra de vida e de morte.

Debelado o movimento, Abreu e Lima foi preso, recolhido à fortaleza do Brum e, depois, enviado ao presídio de Fernando de Noronha. A permanência do general na ilha maldita sugeriu-lhe, posteriormente, a publicação de uma monografia — *Apontamentos sobre a ilha de Fernando de Noronha*, — ⁴⁴ no qual, sempre preocupado com as questões sociais, indica medidas destinadas a melhorar as condições da ínsula atlântica (construção de um molhe ou ponte de desembarque, rearborização, beneficiamento da indústria da farinha de mandioca e do cultivo do algodão, exploração dos minérios, assistência religiosa e médica aos detentos, etc.).

A campanha da Praia não distraiu Abreu e Lima do gosto pelos estudos históricos; data de 1845 a sua *Síntese* ou *Dedução Cronológica dos fatos mais notáveis da História do Brasil*, a primeira coleção de efemérides da literatura nacional, resultado, no dizer de Alfredo de Carvalho, “da avultada cópia de pesquisas originais”. A *Síntese* deu solução a alguns problemas históricos e corrigiu “numerosas datas até então sujeitas a controvérsias”.

Restituído à liberdade, Abreu e Lima fechou, segundo as suas próprias palavras, o “círculo de ferro começado em 1817 na cadeia da Bahia” e concluído, em 1849, “nas presigangas de Pernambuco”. Daí em diante, na “tebaida do Pátio do Colégio”, provido de uma seleta biblioteca, entregou-se ele às questões

sociais e religiosas. É opinião de Alfredo de Carvalho — incontestavelmente o melhor intérprete do incansável político — que foi essa a fase mais feliz da sua existência e “talvez a mais fecunda em trabalhos literários de mérito real”. Mas, tais obras de vulto (acrescenta) “ficaram infelizmente inéditas e algumas estão de todo perdidas”.

Data desse período de tranqüilidade o seu livro *O Socialismo*, impresso em 1855 em uma tipografia do Pátio do Colégio.

O Socialismo, na realidade um ensaio de interpretação sociológica da história, é influenciado, em grande parte, pelas idéias de Lamennais, isto é, o Lamennais da sua última formação, o Lamennais da liberdade de palavra, da liberdade de ação, da liberdade de consciência, o Lamennais convicto de que ninguém podia parar a marcha da humanidade, o Lamennais, enfim, que suplicava ao Papa: “Separai-vos dos reis, estendei a mão ao povo e recobrareis, nessa aliança, um domínio que já vos está escapando”. Foi Ballanche, outro escritor francês, que preponderou muito no socialismo de Abreu e Lima, com a sua *palingenesia*, ou seja, a teoria de que a humanidade, decaída pelo pecado original, estava a reabilitar-se, através dos fatos históricos, à custa de provas e explicações providenciais. A esse tempo, ignorava Abreu e Lima que Ballanche já havia renunciado à sua querida teoria. “Acreditava (dizia Ballanche) na possibilidade do progresso por via da *evolução*; mas percebo agora que, com as coisas humanas, o processo é o da *revolução*”.

O nome de Abreu e Lima como versado nos problemas sociais era, então, bastante elevado, pois o próprio presidente da Província não desprezava o seu parecer, como ocorreu no estudo das causas da carestia dos *gêneros alimentícios*. O autor da *Síntese*, consultado a respeito do problema, opinou que eram várias as causas dessa carestia, entre elas, o descrédito do papel-moeda, as epidemias, o aumento dos salários, a elevação dos preços dos chamados produtos coloniais, a falta de boas vias de comunicação e o regime da grande propriedade (em detrimento da pequena lavoura). 45

A predileção de Abreu e Lima pela corrente do liberalismo católico proporcionou-lhe, já quase no fim da vida, nova oportunidade para que o general demonstrasse os seus dotes de polemista — a discussão com o cônego Joaquim Pinto de Campos a propósito das chamadas *bíblias falsificadas*. 46 O cônego Pinto de Campos — figura glabra, de nariz adunco, tez morena, sotaque arrastado, nasal e sibilante de sertanejo do Pajeú das Flores — que Sousa Bandeira 47 surpreendeu a ler, com ênfase espetacular, um livro sobre Jerusalém, de onde chegara recentemente, não passava de um prelado medíocre e pedante não sei por que elevado ao pináculo pela pena de Solidônio Leite. 48 Romero já se ocupou do assunto, destacando como Abreu e Lima, “aqui dentro do nosso horizonte”,

brilhou e desancou o cônego imprudente, elucidando cabalmente a querela religiosa.⁴⁹ Todavia, parece que o cônego Pinto de Campos era destemido e desassombrado, pois divulga o mesmo Solidônio Leite uma das suas façanhas — o de afugentar o troço bem armado do maioral Caitano Alves, fazendo o corneteiro, que levava a garupa, tocar o avanço de um regimento imaginário, enquanto atravessava ele, a cavalo, o “caudaloso rio Una”.⁵⁰

O escritor Sylvio Rabello, que também nos deu uma boa página sobre o incidente,⁵¹ mostra como, do debate teológico, desceram os dois contendores à injúria, assistindo aos exegetas uma multidão de leitores — mações e acadêmicos que tomavam partido ora pelo Deus dos Judeus, ora pelo Deus dos Cristãos. A polêmica (escreve Sylvio Rabello) chegou a tal extremo que o general, em seu ardor, recordava os “grandes dias nos campos da Nova Granada”. E foi então que o padre Pinto de Campos, atordoado por aquele “hipocentauro da heresia” e “aborto de impiedade infernal”, lançou mão do seu antigo estrategema da corneta, intentando uma ação criminal contra o responsável pelas injúrias do Cristão Velho. Acabou a querela com a condenação do humilde impressor dos opúsculos do general e com a pergunta vitoriosa do padre: — “Que dirá, à vista desta infâmia do Cristão Velho, o sr. General Abreu e Lima?”

Muita gente não sabe, entretanto, que o padre Pinto de Campos levava uma vantagem sobre o general. A vantagem da experiência. Alguns anos antes sucedera-lhe episódio idêntico ao do processo contra o Cristão Velho. Mas, nesse primitivo caso, o autor do pleito fora o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o humilde editor chamava-se Joaquim Bonifácio Pereira e o verdadeiro culpado era o estrategista da corneta.⁵²

Pouco mais de um ano após essa momentosa contenda, tão a gosto do tempo de Tobias Barreto, falecia Abreu e Lima — ao que parece de uma cardiopatia. Foi isso assim quase ao escurecer do dia 8 de março de 1869. Enterraram-no no Cemitério Britânico, por se haver negado o bispo diocesano a conceder o sepultamento sagrado. Gozava o bispo Francisco Cardoso Aires, por sua ilustração e piedade, um prestígio enorme em Pernambuco; mas a obstinação em não permitir que o corpo do general fosse inumado no Cemitério Público levantou uma enorme agitação,⁵³ tendo havido até demonstrações populares, em que oraram Franklin Távora e Vasconcelos Drummond. Por ocasião dos debates, o cônego Pinto de Campos, acusado de ter sido o inspirador da sanção religiosa, veio em campo confessar que ele próprio, oito dias antes da morte do general, havia rezado uma missa pela alma do seu ex-adversário.⁵⁴ Na campá inglesa o ministro protestante leu as preces do ritual britânico; salientou Drummond, na oração fúnebre, a vida quase de recluso de Abreu e Lima, nos seus últimos anos, a sua sobriedade e o seu retraimento, evitando aparecer em público, mas nunca se negando a prestar serviço a quem quer que fosse. Era mesmo um prazer para o

general fazer qualquer sacrifício por algum amigo. Perto da morte, inutilizara todos os títulos e documentos de dívidas ou compromissos contraídos por numerosas pessoas para com ele.

Abreu e Lima parece que passou a sua existência a jogar com o destino. Mas jogar com tal sorte que o seu bilhete safa sempre em branco. Emerge em Pernambuco, em plena mocidade, com o buço ainda por nascer, mas já com a patente de capitão — e ei-lo, de repente, preso e desterrado, depois de presenciar a morte trágica do pai; combate em Nova Granada ao lado do maior *condottiere* do continente, como seu tenente e auxiliar dos mais graduados — e acabou abandonando os campos gloriosos, processado e perseguido dos inimigos e invejosos; alia-se aos caramurus e bate-se ardentemente pelo retorno do ex-imperador do Brasil — e morre Pedro I e, com ele, as esperanças dos saudosistas; corteja o novo imperador, freqüenta-lhe o paço, oferece-lhe os escritos — e nem um lugarzinho, sequer, mesmo um chachá por consolação; é o primeiro a combater o projeto de separar a Igreja brasileira e libertá-la da tutela da Santa Sé — e acabou quase excomungado, sem receber sequer a sua *encomendaçãozinha*, rezada na capela do cemitério, que o moribundo solicitou, com tanto empenho, já nos derradeiros instantes da vida; ⁵⁵ foi, segundo se rumorejava, um ardoroso galã, dividindo o seu coração entre a bela flor dos *lianos* e a doce sinhazinha dos canaviais — e fin-

dou os seus anos com a carestia da vida, ou com a decadência das meio anacoretas do século.

Já que abordei o assunto, não quero deixar de referir-me a algumas cartas de amor do general Abreu e Lima, que colecionador desta cidade guarda com o zelo e cuidado de um verdadeiro mouro, não consentindo sequer que nenhum infiel lhe veja a pinta. Devo dar graças a Deus por tão extremado ardor, pois, dessa lucubração profunda e misteriosa, sairá, decerto, algum estudo acabado, completo e definitivo, para gáudio de todos os grêmios, sociedades, academias e tertúlias literárias do país.

Já ao findar da atribulada existência, as pessoas da família surpreendiam, algumas vezes, Abreu e Lima, recolhido na sua sala de trabalho, em exaltado solilóquio. Assim me informou uma respeitável senhora, descendente direta do general. Tinha-se a impressão de que havia, na sala, pelo menos duas pessoas em discussão acalorada e ardorosa. Há uma tentação de enxergar no episódio o tema da dupla personalidade.

Por que (pergunta-se o general) te meteste a esmiuçar a vida alheia? Que tinhas tu que ver com as eleições fraudulentas? Que tinhas tu que ver com a carestia da vida, ou com a decadência das populações, ou com os pobres injeitados?

Que tinhas tu que ver com os erros do Imperador? Se não tivesses sido tão imper-
tinente e tão intrometido, quem sabe se não serias hoje comendador, deputado e
talvez mesmo presidente perpétuo de algum sodalício? Mas, logo, o *outro eu*, o
Abreu e Lima atribulado e inquieto, protestava contra essa pusilanimidade e arre-
metia, de capacete e lança em riste, contra o Abreu e Lima acomodatório e paca-
to.

E foi isso o seu martírio e a sua desdita.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Conferência realizada, a 10 de dezembro de 1948, no Instituto de Educação
de Pernambuco, sob a presidência do sr. Governador Barbosa Lima Sobri-
nho, em comemoração ao primeiro centenário da Revolução Praieira.
2. Quando, mais tarde, lhe foi imputado o fato de ser *filho ilegítimo*, Abreu e
Lima replicava: "Fomos quatro irmãos *cadetes*, dois em tempo do rei velho
(quando eram senhores *cadetes*) e dois primeiros *cadetes* depois da lei de
1820, que alterou o alvará de 1757. Ora, não sendo nosso pai major de linha
e daí para cima, está claro que para serem *cadetes* era mister tivessem qua-
tro avós nobres, e, quem tem avós nobres, tem pais conhecidos; portanto, aí
tendes quatro processos e quatro julgamentos, provando não só a legitimida-
de do nosso nascimento como a nobreza de nossa família. Bem vedes, pois,
que não posso ser filho de Agar escrava porque nasci nobre" (*O Deus dos
Judeus e o Deus dos Cristãos*, p. 58, Pernambuco, 1867).
3. Daí o apelido de Padre Roma.
4. O programa da Academia Real Militar, organizado pelo Conde de Linhares,
tinha por objetivo, entre outros, o de desenvolver o estudo das ciências f(ís)-
icas e naturais. (Max Fleiuss, *História Administrativa do Brasil*, 2a. ed., São
Paulo, s/d) p. 83. A transladação da corte portuguesa para o Brasil, segundo
a observação de Oliveira Lima, havia rasgado "novos horizontes ao ensino",
com a introdução de conhecimentos mais experimentais e mais práticos
(*Dom João VI no Brasil*, I, Rio, 1940). p. 250 sq., Nesse sentido, o currícu-
lo da A.R.M. era já um avanço.
5. A fortaleza de São Pedro, diz Pereira da Costa, *Dicionário Biográfico de
Pernambucanos Célebres*, Recife, 1882; p. 550, a de Santo Antônio, segun-
do Alfredo de Carvalho, "O general J. I. de Abreu e Lima - 1794-1869", em
Almanaque de Pernambuco para o ano de 1903 (dir. por Júlio Pires Ferrei-
ra), Recife, p. VI.
6. Em *Compêndio de História do Brasil*, I, Rio, 1843, p. 284 e 285.

7. Em 1835, já de volta ao Brasil, Abreu e Lima ainda estava muito ligado à maçonaria. Data dessa época o seu trabalho *Manifesto da M.: Aug.: e Resp.: Loj.: Constit.: do Rit.: Ant.: e Acc.: para o Imd.: do Brasil, Rio*.
8. Sobre o assunto, cf. Mário Melo, "A maçonaria e a revolução republicana de 1817", em *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, n. 79, p. 1 sq., março de 1910. — "O catecismo liberal imbuíra de tal modo o clero nacional que o governador do bispado, o deão Manuel Vieira de Deus Sampaio, chegaria a publicar uma pastoral em que declararia não ser a revolução contrária ao Evangelho, porquanto a posse e o direito da Casa de Bragança eram fundados num contrato bilateral, estando os povos desobrigados de lealdade jurada por ter sido a dinastia quem faltou primeiro às suas obrigações". Comentários de Oliveira Lima à *História da Revolução Pernambucana de 1817*, de F. Muniz Tavares, Recife, 1917, p. 41.
9. "As Notas Dominicais", em op. cit., n. 61 p. 494, março de 1904.
10. W. Dietrich, *Simão Bolívar*, Porto Alegre, 1937. p. 131 sq.
11. Sobre o assunto, cf.: J. I. de Abreu e Lima *Resumen histórico de la Última Dictadura del Libertador Simón Bolívar*, etc., com biografia e notas de Diego Carbonell, Rio 1922; Alfredo de Carvalho, "Um companheiro de Bolívar", em *Aventuras e Aventureiros no Brasil*, Rio, 1929. p. 225-235. Argeu Guimarães, *Um brasileiro na epopéia boliviana*. Recife, 1926 (com bibliografia referente ao assunto); "Carta importante", do historiador M. Landaeta Rosales, em *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, Recife, 1896, n. 49, p. 25-30.
12. A carta em questão é de 18 de setembro de 1868 e data de Pernambuco. Foi pub. primeiramente no tomo I, p. 427-434 das *Biografias de hombres notables de Hispano América*, direção de Romón Azpurúa, Caracas, 1877 e, pouco antes, no Diário de Pernambuco, ed. de 20 de maio de 1873. Foi escrita em português, pois já há trinta anos diz o autor que não manejava o espanhol.
13. "Eu vi nascer Colômbio nas Gueseras del Média". Carta cit., de 18 de setembro de 1868.
14. Ed. cit., Rio 1922.
15. *O Socialismo*, Recife, 1855, p. 150.
16. *Compêndio da História do Brasil*, II, Rio, 1843. p. 91.
17. *Ibid.*, p. 77.

18. Datada de 17 de maio de 1862. Correspondência particular do general Abreu e Lima referente aos anos de 1855-1866. Est. A., gav. 17.
19. *Bosquejo histórico, e literário do Brasil:* ou análise crítica do projeto do dr. A. F. França, oferecido em sessão de 16 de maio último à Câmara dos deputados, reduzindo o sistema monárquico constitucional que felizmente nos rege, a uma república democrática: seguida de outra análise do projeto do deputado Rafael de Carvalho sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Sede Apostólica. Por um brasileiro. Niterói, 1835. É o no. 458 do catálogo.
20. *Sobrados e Mucambos*, São Paulo, 1936. p. 14.
21. *Bosquejo*, cit., p. 56.
22. Pelo menos é essa a opinião de Alfredo de Carvalho. Op. cit. p. XVI.
23. Carlos Pereyra. *Breve História da América*, Madrid, 1930. p. 605.
24. Conf. G. Freyre. *Sociologia*, II. Rio, 1946. p. 640.
25. *A cartilha do povo* — Por Franklin, Pern., 1849.
26. *Diogo Antônio Feijó*, Rio, 1942. p. 229.
27. Tip. Universal, 1843, Rio, in 4o., com 7 retratos. Dessa obra publicou-se, depois, outra edição resumida, num só volume.
28. Amaro Quintas. "Dois inéditos de Abreu e Lima", em *Diário da Noite*, ed. de 28 de junho de 1948.
29. "As memórias de Taunay e Abreu e Lima", em *Diário da Noite*, ed. de 5 de dezembro de 1948.
30. *Memórias do Visconde Taunay*, São Paulo, 1948. p. 585 e 586.
31. "Primeiro Juízo submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo seu sócio Francisco Adolfo de Varnhagen", em *Rev. Tri. de Hist. e Geog.*, Rio, t. VI, p. 60-83, 1865.
32. Resposta do General J. I. de Abreu e Lima, etc., Pern., 1844, p. 43.
33. Cf. N. Werneck Sodré, *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, Rio, 1945. p. 189.
34. *História da Literatura Brasileira*, V, 3a. ed., Rio, 1943. p. 220.
35. No. 1.

36. No. 2.
37. No. 5.
38. No. 13.
39. No. 19.
40. No. 20.
41. Cf. Amaro Quintas. *O sentido social da Revolução Praieira* (ensaio de interpretação), Recife, 1946. p. 17.
42. *Diário de Pernambuco*, ed. de 7 de novembro de 1948.
43. *Quarant-huit*, Paris, 1939. p. 237.
44. 1857. *Pub. na Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, Recife, 1890, p. 3-17.
45. *Jornal do Comercio*, ed. de 14 de maio de 1858.
46. Sobre o assunto, cf.: *As Bíblias Falsificadas ou duas respostas ao snr. Cônego Joaquim Pinto de Campos — pelo Cristão Velho*, Recife, 1867; *Polêmica Religiosa ou Resposta aos escritos anticatólicos do snr. General Abreu e Lima — por Joaquim Pinto de Campos, etc.*, Recife, 1867; *O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos — Terceira resposta ao snr. Cônego Joaquim Pinto de Campos*, Recife, 1867; *Polêmica Religiosa — Reputação ao Ímpio* opúsculo que tem por título *O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos*, sob o pseudônimo de *Cristão Velho — por Joaquim Pinto de Campos*, Pern., 1868.
47. *Evocações e outros escritos*, etc., Rio, 1920. p. 113.
48. *Uma figura do Império*, Rio, 1925.
49. *História da Literatura*, IV, p. 141
50. *Ib.*, p. 15.
51. *Itinerário de Silvio Romero*, Rio, 1944. p. 21 sq.
52. Cf. o Sete de Setembro ns. 50 e 57, respectivamente de 3 e de 27 de março de 1846. Os artigos de Pinto de Campos eram publicados no *Lidador*.
53. Cf. *Diário de Pernambuco*, eds de 10, 13, 15, 22 e 24 de março de 1869; *Jornal do Recife*, eds. de 15, 16, 19, 20, 22, 28 e 30 de março de 1969;

A Opinião Nacional, ed. de 21 de Março de 1869; idem de 7 e 14 de abril do mesmo ano.

54. *Diário de Pernambuco* de 13 de março de 1869.

55. Cf. *Jornal do Recife*, ed. de 9 de março de 1869.